

3 set 2007

Nº 35

Aumento do emprego contrasta com desindustrialização em SP e RJ

Por **Antonio Marcos Ambrozio**
Economista da SAE

Vagas na indústria de transformação foram deslocadas para outras regiões do país

Ao final de 1995, havia no Brasil 23,8 milhões de trabalhadores formalmente empregados. Em dezembro de 2005, esse número havia subido para 33,2 milhões. Houve, assim, o ingresso líquido de 9,4 milhões de trabalhadores nesse período, o que corresponde a uma taxa de crescimento do emprego formal de 3,4% ao ano.

Esse aumento do emprego não beneficiou, no entanto, todos os tipos de trabalhadores, regiões e setores da mesma forma. Houve mudanças significativas no perfil de escolaridade da mão-de-obra empregada, com aumento líquido de empregos mais qualificados – mais de 8 anos de estudo – e redução do

número de menos qualificados. Na dimensão regional, o Sudeste – mais especificamente Rio e São Paulo – perdeu importância relativa. Em termos setoriais, observou-se uma enorme contração no emprego industrial entre 1996 e 1999.

Diante desse cenário, o objetivo desse informe é analisar a evolução do emprego entre 1996 e 2005, com foco na natureza heterogênea desse movimento, em termos setoriais, do grau de qualificação dos trabalhadores e regional. Ao final, pretende-se analisar se, no caso do setor industrial, os dados referentes ao mercado formal de trabalho corroboram a existência de um processo de desindustrialização no Rio e em São Paulo.

A evolução do emprego total e sua dimensão setorial

Segundo os dados da RAIS¹, o mer-

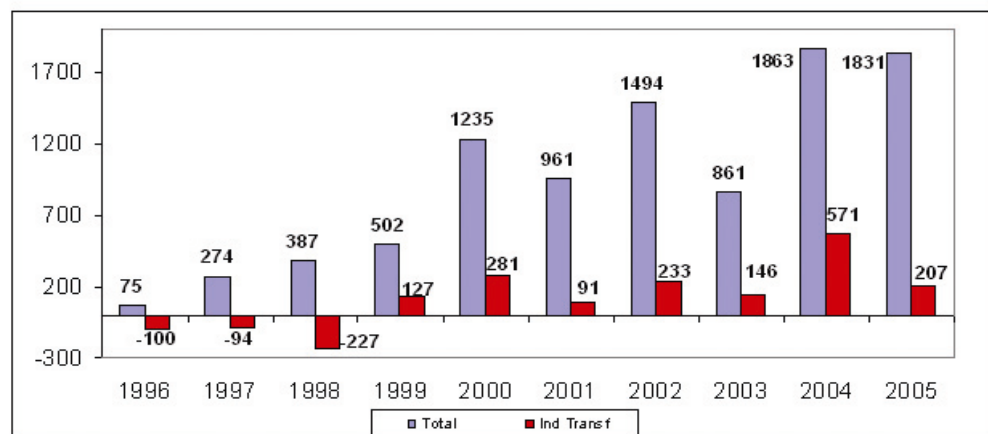
Visão do Desenvolvimento é uma publicação da Secretaria de Assuntos Econômicos (SAE), da Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As opiniões deste informe são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente o pensamento da administração do BNDES.

¹ A Relação Anual de Informações Sociais - RAIS - é uma base estatística referente ao mercado de trabalho formal, que, além dos trabalhadores celetistas inclui também os estatutários, temporários e avulsos.

Figura 1

Saldo Líquido de Emprego: Geral e na Indústria de Transformação

Em milhares



Fonte: RAIS

cado de trabalho formal brasileiro cresceu 3,4% ao ano entre 1996 e 2005². Trata-se de uma taxa superior à variação real média do PIB no mesmo período, de 2,4%. Esse crescimento do emprego não se deu, no entanto, uniformemente ao longo do período. Entre 1996 e 1999, foi de apenas 1,3% a.a., ou seja, foram criados liquidamente cerca de 300 mil empregos por ano. Já entre 2000 e 2005, essa taxa alcançou 4,9% a.a., um percentual quase quatro vezes maior, o que representou mais 1,37 milhão de empregos por ano.

Além das diferenças entre os dois períodos, a evolução do emprego também foi heterogênea do ponto de vista setorial. Como se pode ver na Figura 1, a mudança no padrão de

geração de emprego entre os períodos 1996-1999 e 2000-2005 foi particularmente intensa quando se considera a Indústria de Transformação. Entre 1996 e 1999, houve nesse setor uma destruição líquida de cerca de 300 mil postos de trabalho, ou seja, 50 mil por ano. Já entre 2000 e 2005, o emprego na Indústria de Transformação se recuperou de modo expressivo, quando foram criados liquidamente cerca de 1,5 milhão de novos postos, ou seja, 300 mil por ano.

Como resultado, a Indústria de Transformação perdeu participação no emprego total, entre 1996 e 1999. De acordo com a Tabela 1, esse percentual caiu de 20,8% para 18,4%. Desde então, apesar do crescimento observado, essa participação manteve-se relativamente estável, alcançando 18,5% em 2005. O

² Último ano em que os dados da RAIS estão disponíveis.

desempenho da Indústria contrasta com os demais setores. Houve aumento expressivo na participação do Comércio, de quase quatro pontos percentuais entre 1995 e 2005, quando passou de 14,2% para 18,1%. Entretanto, no que diz respeito aos Serviços e à Administração Pública, o cenário foi de relativa estabilidade.

Mudança na qualificação do emprego

Uma das mudanças mais importantes

no perfil do mercado formal de trabalho foi o aumento da média de anos de escolaridade. Como mostra a Figura 2, houve uma expressiva redução na participação dos não-qualificados (oitava série incompleta ou menos), que caiu de mais de 45%, em 1996, para apenas 23%, em 2005. Esse resultado deveu-se, de um lado, a uma destruição líquida de emprego não-qualificado, e de outro, a um forte crescimento do emprego de qualificados - com a oitava série completa ou mais - que, nos mesmos anos, passaram de menos de 55% para 77% do total do empre-

go formal.

A redução do emprego não-qualificado ocorreu de forma generalizada na economia. Como se pode ver na Tabela 2, a destruição líquida de emprego não-qualificado ocorreu em todos os setores. Foi, no entanto, mais acentuada entre 1996 e 1999 - média de 326 mil postos de trabalho por ano - do que entre 2000 e 2005 - média de 217 mil. O

Destruição de empregos não-qualificados ocorreu em todos os setores, mas foi mais forte na indústria de transformação

epicentro desse processo foi a Indústria de Transformação. No primeiro período,

mais da metade da destruição líquida dos empregos de baixa escolaridade - 167 mil por ano - ocorreu nesse setor. No período seguinte, este número reduziu-se para 45 mil por ano, ou seja, 20% do total.

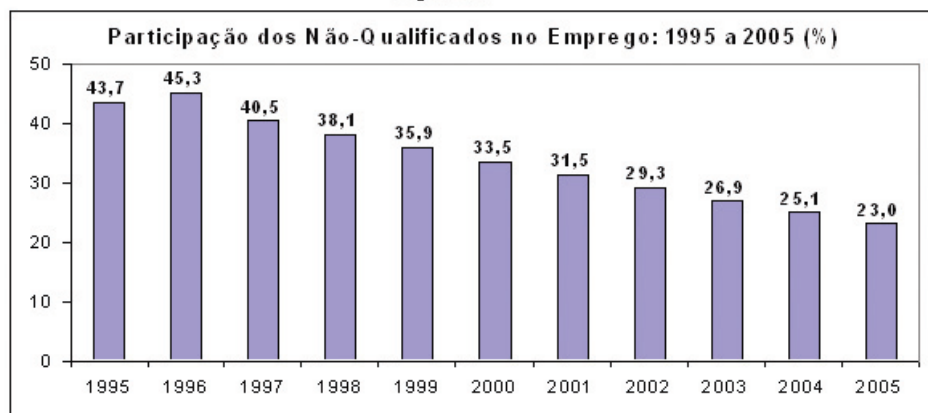
A partir de 2000, diferentemente da Indústria, outros setores mostraram uma aceleração no processo de destruição de emprego não qualificado, o que denota sua tendência à generalização pelo restante da economia. Nos Serviços, a redução média anual passou de 52 mil postos de trabalho entre 1996 e 1999 para 83 mil entre 2000 e 2006, e na Ad-

Tabela 1: Participação dos Principais Setores no Emprego: Anos Selecionados (Em %)

Ano / Setor	Indústria de Transformação	Comércio	Serviços	Administração Pública	Outros	Total
1995	20,8	14,2	30,8	23,2	11,0	100,0
1999	18,4	15,8	32,0	23,9	9,9	100,0
2005	18,5	18,1	31,6	22,7	9,1	100,0

Fonte: RAIS

Figura 2



Fonte: RAIS

ministração Pública de 3 mil para 60 mil, respectivamente.

A geração de emprego qualificado foi mais robusta no período 2000-2005. O crescimento desse tipo de emprego foi significativo em todos os setores, com destaque para Indústria de Transformação, cujo saldo líquido triplicou entre os dois períodos. Em termos do número absoluto de empregos, o destaque ficou por conta de Serviços, que gerou liquidamente cerca de 500 mil empregos qualificados por ano entre 2000 e 2005 (mais de 3 milhões no período).

Movimento de deslocamento do emprego

Em termos regionais, houve uma clara perda de participação relativa do Sudeste. Como se pode ver na Tabela 3, esta região que era responsável por quase 56% do emprego formal em 1995 passou a responder por menos de 52% em 2005. Trata-se de uma perda de 4 pontos percentuais em fa-

vor do Centro-Oeste, do Norte e do Nordeste.

O processo foi ainda mais agudo na Indústria de Transformação. Nesse setor, o declínio da participação do Sudeste foi de mais de 8 pontos percentuais. Esse comportamento foi específico desta região uma vez que as demais registraram um aumento de participação no emprego industrial. O destaque foi o Sul, cuja participação aumentou 3,3 pontos.

A ótica regional esconde, no entanto, o fato de que a redução do emprego industrial foi um processo geograficamente ainda mais concentrado. Entre as unidades da federação, apenas quatro estados tiveram queda na participação no emprego industrial entre 1996 e 2005, dos quais os mais relevantes foram São Paulo (-6,9 pp) e Rio de Janeiro (-2,4 pp).³ Dessa forma, percebe-se que a explicação para a

3 Nos outros dois estados - Pernambuco (-0,4 pontos percentuais) e Maranhão (-0,02 pp) - as perdas relativas foram de muito menor dimensão relativa.

queda de participação do Sudeste foi o mal desempenho dos estados do Rio e, principalmente, de São Paulo (Tabela 4). A perda de participação dos dois estados no emprego industrial se deu tanto em relação ao emprego não-qualificado quanto ao qualificado.

No caso de São Paulo, apesar de a perda de participação ter sido muito elevada, chegou a haver crescimento absoluto da população com emprego formal na Indústria entre

1996 e 2005. Esse aumento, no entanto, foi de apenas 105 mil pessoas, número pequeno frente ao tamanho absoluto da força de trabalho industrial paulista, de quase 2,2 milhões em 2005.

A situação no Rio de Janeiro pode ser considerada mais dramática. A queda de participação no emprego na Indústria de Transformação de 2,4 pontos percentuais, apesar de

muito inferior à paulista, significou a destruição líquida de quase um terço do emprego industrial entre 1996 e 2005. No que diz respeito ao número absoluto de empregos gerados, de todos os estados, o Rio foi o único a registrar destruição absoluta de postos na Indústria de Transformação.

A queda de participação do Rio e de São Paulo no emprego industrial entre 1996 e 2005 apresentou algumas características importantes. A primeira é que foi

generalizada. A perda de participação dos dois estados se deu em todos os segmentos da Indústria de Transformação, à exceção do setor de fumo e o de refino de petróleo e álcool. Assim, a menor importância do Rio e São Paulo na geração do emprego industrial não pode ser explicada pelo baixo dinamismo de segmentos específicos importantes.

A segunda é que está associada a

PR e SC foram Estados que mais ampliaram participação no emprego industrial

Tabela 2: Saldo Líquido do Emprego por Qualificação, Brasil e Principais

Setores:

1996-1999 e 2000-2005

(Média Anual - em Milhares)

Tipo de Emprego	Emprego não-Qualificado		Emprego Qualificado	
Setores / Período	1996-1999	2000-2005	1996-1999	2000-2005
Indústria Transformação	-167	-45	100	300
Comércio	-36	-29	198	374
Serviços	-52	-83	258	504
Administração Pública	-3	-60	135	322
Outros / Ignorado	-68	0	2	92
Brasil	-326	-217	693	1592

Fonte: RAIS

Tabela 3: Participação no Emprego Total e no Emprego na Indústria de Transformação, por Regiões: Anos Selecionados

(Em %)

Região / Anos	Participação no Emprego Total			Participação no Emprego Industrial		
	1995	1999	2005	1995	1999	2005
Norte	3,8	4,1	5,0	2,5	2,8	3,8
Nordeste	16,2	16,7	17,5	10,8	11,7	12,7
Sudeste	55,8	53,8	51,8	61,1	56,5	52,9
Sul	17,3	17,6	17,5	22,7	25,2	26,0
Centro-Oeste	6,9	7,7	8,3	2,8	3,9	4,6

Fonte: RAIS

um deslocamento de empresas para outros estados. Nota-se uma expressiva correlação negativa ⁴ por segmentos da Indústria de Transformação entre a perda de participação no emprego no Rio e São Paulo e o aumento de participação no emprego no Paraná e Santa Catarina - estados que mais aumentaram a participação no emprego industrial.

Entre 1996 e 2005, os segmentos industriais nos quais Rio e São

Paulo mais perderam participação foram, em geral, os mesmos nos quais Paraná e Santa Catarina mais cresceram. Como mostra a Figura 3, esse deslocamento é bem nítido nos setores de Vestuário; Aparelhos Elétricos; Veículos; Borracha e Plástico e Material Eletrônico.

Considerações finais

Os dados da RAIS mostram que as mudanças verificadas no mercado de trabalho formal no Brasil entre

1996 e 2005 apontam para um processo de natureza estrutural. Isto se revela no fato de que, sob óticas distintas, observou-se a existência de ganhadores e perdedores (Ver Tabela 5) . Assim, por exemplo:

■ ao lado da criação líquida de 12,3 milhões de empregos qualificados, houve uma destruição líquida de 2,6 milhões de empregos não-qualificados;

■ a Indústria perdeu participação relativa para o Comércio; e

■ enquanto se verificou uma forte perda de participação de Rio e São Paulo, aumentou os postos de trabalhos em outros estados, como Paraná e Santa Catarina.

Do ponto de vista global, verificou-se que entre 1996 e 2005 conviveram no mercado formal de trabalho duas tendências. A primeira foi a intensa destruição líquida do emprego formal de baixa escolaridade. Esse movimento foi muito forte na segunda metade na década de 1990, particularmente na Indústria

Emprego formal cresceu 4,9% ao ano entre 2000 e 2005, contra 1,3% ao ano entre 1996 e 1999

⁴ Coeficiente de correlação de -0,82.

Tabela 4: Evolução do Emprego Industrial por Anos e Estados Selecionados

(Em %)

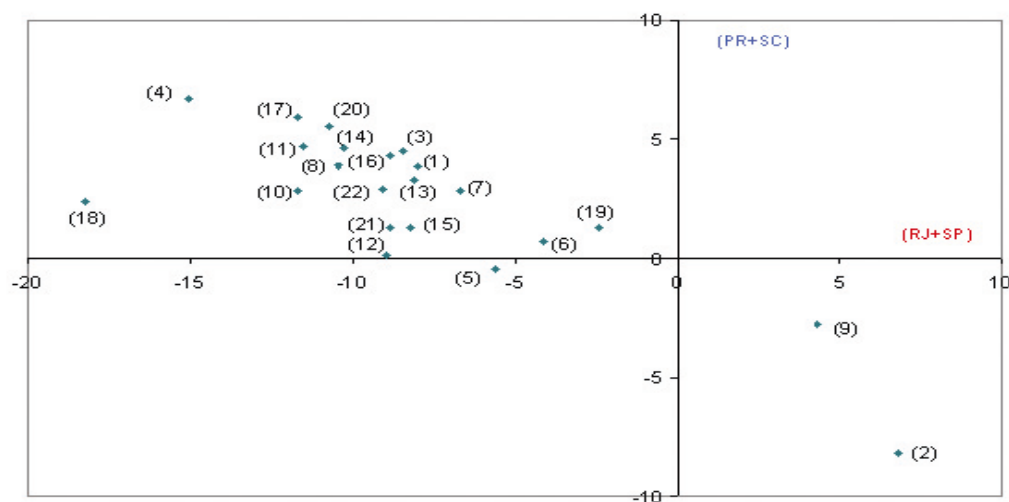
UF / Anos	Emprego Industrial (mil)			Participação no Emprego Industrial (%)		
	1995	1999	2005	1995	1999	2005
Pernambuco	149	125	160	3,0	2,7	2,6
Rio de Janeiro	385	306	335	7,9	6,6	5,5
São Paulo	2086	1756	2192	42,6	38,1	35,7
Outros	2277	2416	3446	46,5	52,5	56,2
Total	4897	4604	6133	100,0	100,0	100,0

Fonte: RAIS

de Transformação. A partir de 2000, o fenômeno continuou presente na economia, porém de forma menos intensa e mais generalizada,

impactando com maior intensidade a Administração Pública e Serviços. A segunda tendência foi o aumento do emprego qualificado, de forma

Figura 3 - Variação na Participação do Rio e São Paulo no Emprego por Segmentos Industrial Comparada com a mesma Variação para o Paraná e Santa Catarina (1996- 2005)



(1) Alimentos e Bebidas	(2) Fumo	(3) Têxteis
(4) Vestuário	(5) Couros e Calçados	(6) Madeira
(7) Papel e Celulose	(8) Edição e Impressão	(9) Refino de petróleo e Alco
(10) Produtos químicos	(11) Borracha e Plástico	(12) Minerais não Metálicos
(13) Metalurgia	(14) Produtos de Metal	(15) Máquinas e Equipamen
(16) Maq. para Escritório e Informática	(17) Aparelhos Elétricos	(18) Material Eletrônico
(19) Equip. Médico-Hospitalar	(20) Veículos	(21) Outros Equip. Transpor
(22) Móveis e Ind. Diversas		

Fonte: RAIS

menos intensa no primeiro período – 700 mil postos por ano – mas se acelerando a partir de 2000, com a criação anual de quase 1.600 mil postos de trabalho anuais.

No que diz respeito à Indústria de Transformação, houve uma redução da participação desse setor no emprego formal, em boa medida decorrente da destruição de postos de trabalho não qualificados. Os dados *per*

se não apontam para um processo de desindustrialização a nível nacional. Uma análise mais detalhada mostra que esse foi o caso dos estados mais industrializados do País: São Paulo e, particularmente, o Rio de Janeiro. Esse fenômeno esteve, em boa medida, associado a deslocamentos para estados do Sul, notadamente Paraná e Santa Catarina.



O BANCO DO DESENVOLVIMENTO
DE TODOS OS BRASILEIROS

Se você quer receber os próximos números desta
publicação envie e-mail para
visao.do.desenvolvimento@bndes.gov.br.